

Corre Manuscrito

Viviane Wolf Cattozzi

Mestranda em História Cultural (IFCH/UNICAMP)

BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito: Uma historia cultural Del Siglo de Oro*. Madrid, Marcial Pons, 2001.

Em *Corre Manuscrito – Una historia cultural del Siglo de Oro*, Fernando Bouza procura entender como as pessoas se comunicavam nos séculos XVI e XVII. Para isso, atem-se à escrita como uma forma de sociabilidade e recorre aos manuscritos como importante fonte de sua pesquisa. Bouza preocupa-se com os usos destes manuscritos, compreendendo-os em sua própria materialidade, bem como o papel que ocupavam em uma sociedade altamente iletrada, mas que começava a conferir à escrita um significado de progresso e civilização. Desde a introdução do livro, o leitor depara-se com um mundo repleto de manuscritos, trazendo a idéia de que a imprensa não afeta tão diretamente sua circulação no Século de Ouro espanhol e português. O autor afirma que os manuscritos também eram feitos para circular, para “correr”, e que havia uma “competição” entre eles e os impressos.

Há a preocupação em percorrer os caminhos pelos quais passavam os manuscritos. Bouza investiga quem é o autor do documento, se existem cópias, onde podem ser encontradas e as diferenças que apresentavam. Procura saber quem eram os copistas e qual papel ocupavam. Por fim, volta-se para a circulação do manuscrito, tentando entender toda a trajetória que percorreu e qual sua importância. Não há na obra a idéia

de que os papéis impressos eram destinados a uma ampla circulação e os manuscritos fadados a um uso mais particular e íntimo. O tempo todo se observa o manuscrito movimentando-se, circulando pela sociedade, ocupando um importante papel na comunicação entre as pessoas. Fernando Bouza escreve: “La propuesta principal de este libro tiene que ver, precisamente, con ese mundo en el que el manuscrito era tan común y *corría* de mano en mano.”

Uma obra de história cultural baseada na história da escrita. Mesmo sem enunciar diretamente, é certo que Bouza coloca para os manuscritos problemas que Chartier e Darnton já colocaram para os impressos. O autor posiciona-se como um historiador eclético, não se filiando a nenhuma escola teórica e tomando idéias de diferentes correntes. Bouza está preocupado com a circulação de textos em uma sociedade iletrada, por isso busca relações que vão além do texto e seu leitor, mostrando que o analfabeto pode ler através dos outros ou estabelecer relações com a escrita que não dependam da leitura. Neste sentido, o capítulo segundo de *Corre Manuscrito* é fundamental, na medida em que discute o papel da escrita na sociedade espanhola dos séculos XVI e XVII. A partir do estudo das “cartas de tocar” e das “*nóminas*”, Bouza mostra que havia uma escrita que tinha a função de amuleto, cuja finalidade não era ser lida, mas guardada para conferir sorte ou proteção ao seu portador. A virtude não estava na sua compreensão, e sim na sua posse e contato com o corpo. O autor afirma: “...lo escrito era en ellas más que un instrumento de la razón una forma irracional en la que la escritura obraba por sí misma sobre el cuerpo de quien la portaba.”

Fernando Bouza também dedica capítulos às escritas destinadas à leitura, como as cartas. Entendendo-as como um gênero, o autor procura as práticas e sociabilidades utilizadas nas escritas destas cartas. Elas obedeciam às regras da oralidade e circulavam por toda a Espanha, levando novas da corte para os que dela estavam ausentes e trazendo notícias dos lugares mais distantes. Carregavam informações cotidianas, como o casamento de um nobre ou o resultado de uma batalha em região afastada. É interessante apontar a grande circulação das “cartas de novas”, encontrando-se várias cópias de uma mesma carta, o que não permite identificar quem eram os autores de tais escritos.

O capítulo 5 do livro discute especificamente as cartas de bufões, mais uma faceta dos manuscritos. Os bufões viviam na corte, entre os nobres e suas notícias estavam muito próximas às das cartas feitas pela nobreza. Os bobos davam-se títulos de nobres, satirizavam suas figuras, porém isto não era uma ameaça social, eram gestos carnavalescos. Do mesmo modo, a escrita dos bufões era uma forma de escrita carnavalesca, que satirizava a correspondência manuscrita feita pelos nobres, mostrando o quanto este gênero era comum à nobreza.

A escrita da nobreza não se restringia apenas às “cartas de novas”, de modo que há vários capítulos no livro que discutem o papel da escrita entre os nobres e usos que dela faziam. No capítulo oito notam-se dois tipos de correspondências reais: as cartas e os escritos propagandísticos. Nas primeiras, circulavam notícias de acontecimentos em todo o reino, e a propaganda real compõe-se de variados escritos, tais como as lições dos príncipes desde a primeira infância, traduções e livros compostos pelos próprios reis e rai-

nhas e exaltações feitas por seus mestres, os quais tinham o objetivo de exaltar a majestade, colocando-a como sábia e portadora de uma vontade absoluta, que era acima e melhor que a vontade popular. Já o capítulo seis mostra biografias de nobres, que para Bouza são modelos, na medida em que não correspondem ao que era a nobreza na época, mas ao que deveria ser, ou melhor, ao que as pessoas deveriam acreditar que ela era. Tinham um caráter pedagógico, didático e estavam relacionadas a um “ethos aristocrático”, pois tinham a intenção de construir uma memória da nobreza através destas biografias.

Por fim, há um capítulo que discute a relação dos manuscritos com a formação do Estado moderno espanhol. Ao trabalhar o surgimento do Arquivo de Simancas, Bouza percebe um momento de institucionalização da escrita, sendo que Felipe II cria o arquivo para narrar e construir uma memória de seu reinado e do Estado nascente. É evidente que o Estado Moderno e o arquivo nascem juntos e são inseparáveis, visto que o arquivo é a memória do Estado e lhe confere autoridade e legitimidade.

Ademais, Bouza trabalha as relações sociais de forma muito específica. No Século de Ouro que ele constrói não se vê distinções claras entre o erudito e o popular. Notam-se as aproximações entre as cartas dos nobres e as dos bufões, indivíduos que viviam na corte, mas que não pertenciam à nobreza. Bouza também mostra que as “cartas de toque” não eram práticas exclusivas de populares e sim um costume compartilhado por todos, inclusive pelos reis.

Ao trabalhar com os usos da escrita e dos manuscritos nos séculos XVI

e XVI, o autor também abre janelas para o entendimento das sociedades espanholas e portuguesas deste momento. Através de uma descrição minuciosa da documentação utilizada em sua pesquisa surgem luzes do que era a sociedade em que estes manuscritos estavam inseridos. No capítulo terceiro, em que descreve os “libellos de vecinos”, nota-se um ambiente extremamente violento, onde escrever não estava dissociado de insultar e agredir. A posse de cartas que conferiam proteção do fogo, da morte inesperada revela os medos sociais, bem como uma forma muito particular de religiosidade. As biografias de nobres embora não revelem como era a vida da nobreza no Século de Ouro (são tratadas como modelos), trazem a tona todo um ideal de vida, aspirações e desejos de criar a imagem de uma nobreza culta e sábia, distinta de todas as outras camadas sociais, inclusive dos letrados.

Corre Manuscrito é uma obra muito interessante para os pesquisadores em história cultural, pois traz novas questões aos documentos e à relação que se estabelece com eles. Primeiramente, leva a pensar na própria materialidade das fontes, se são manuscritas ou impressas, quem são seus autores, se há cópias, quem as produziu, a que modelo estes documentos obedeciam e a quem eram destinados. Ao longo da obra, os manuscritos assumem distintas funções na pesquisa de Bouza, ora são fontes de pesquisa, ora objetos de estudo, já que Bouza não se preocupa somente com o conteúdo dos manuscritos – muitas vezes isto é secundário – mas também com os diferentes papéis que assumiam na sociedade em que circulavam.

Bouza não faz um capítulo conclusivo da obra, porém o todo é muito coerente. Cada capítulo discute um gênero de manuscrito, contendo seus

próprios argumentos e conclusões, podendo ser lido separadamente. A pergunta “quais os usos da escrita no Século de Ouro português e espanhol?” norteia o livro e ele encontra algumas respostas. Nem toda escrita era destinada à leitura ou a leitores alfabetizados. Entre os que a liam ela assumia distintas funções: servia para a comunicação, para a satirização, para a propaganda real e para a consolidação do Estado. A obra revela um mundo cheio de manuscritos, que se movimentam e adquirem vida, exercem funções específicas e propagam idéias importantes para a época.